

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Setor Litoral

Curso de Especialização Educação em Direitos Humanos



**PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO CONTRA AS
RELIGIÕES DITAS DE MATRIZ AFRICANA NO MUNICÍPIO DE
IRATI**

IRATI

2015

VERIDIANA CARDOSO NEVES



**PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO CONTRA AS
RELIGIÕES DITAS DE MATRIZ AFRICANA NO MUNICÍPIO DE
IRATI**

**Artigo apresentado para a conclusão do
curso de Especialização Educação em
Direitos Humanos da Universidade
Federal do Paraná.**

Orientadora: Prof. Dra. Juliana Quadros

IRATI

2015

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
OBJETIVO GERAL.....	02
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	03
MATERIAL E MÉTODOS.....	05
RESULTADO E DISCUSSÃO.....	08
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	14
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	15

RESUMO

O presente trabalho analisa a questão da intolerância religiosa às religiões de matrizes africanas na cidade de Irati - PR, as quais devem ser vistas como uma violação ao direito à liberdade religiosa, incluindo a liberdade de crença, a liberdade de culto e a liberdade de organização religiosa. Assim, adota-se como objeto de estudo as diversas manifestações de intolerância em relação a essas religiões ditas de matrizes africanas dentro do campo religioso, e o preconceito e a discriminação que se perpetuam na cidade de Irati.

INTRODUÇÃO

Não se pode negar que sobre a espiritualidade e o pensamento individual, interferem fatores sociais, econômicos, históricos e culturais, que podem facilitar ou dificultar a liberdade religiosa, assim, não podemos também desconsiderar que agregada à liberdade religiosa estão à liberdade de crença e a liberdade de culto, importantes para uma realização completa.

(...) a liberdade de crença, tem como marca nítida o seu caráter interior. Vai da liberdade primeira do homem de poder orientar sua fé, sua perspectiva em relação ao mundo e à vida, sua possibilidade de eleição dos valores que reputa essenciais, sendo, pois, inalienáveis por natureza, mesmo quando proibida legalmente, visto que a repressão ao direito e à tirania não podem chegar ao ponto de cercear a fé que reside no interior do indivíduo, alcançando, no máximo, a sua manifestação exterior. (RIBEIRO, 2002, p.35)

Contudo, apesar da Constituição Federal abrigar a realidade religiosa (como também a liberdade de crença e de culto) de maneira bem nítida e inequívoca, de todos viverem em um Estado Democrático de Direito e da proliferação de ideários como o da alteridade, não se deve negar que o quadro histórico denota ainda que, na realidade social, tal liberdade não é efetivada totalmente e permanece muitas vezes velada devido à visão religiosa fechada, estanque e parcial de diversas pessoas.

Assim, o medo de uma exclusão aos não seguidores das tradições na religião impede a efetivação da liberdade nessa esfera, na medida em que neutralizam o surgimento de outras possibilidades de crença e de culto.

É por essas formas de preconceito que se entende o surgimento da intolerância no âmbito religioso. Às pessoas torna-se mais fácil ignorar e vetar a possibilidade de outros deuses e preceitos relacionados a ele, a constatarem o relativismo nessa esfera, o qual as deixa inseguras sobre os modos ideias de comportamento e sobre a “força maior” que respondem a seus anseios.

OBJETIVO GERAL:

Dessa forma o objetivo desse estudo foi especificar como se configuram as relações de discriminação religiosa na cidade de Irati e como isso se caracteriza atualmente, dificultando a construção de uma identidade referenciada em valores positivos para esses adeptos da religião afrodescendente.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Brasil, como sabemos, desenvolveu-se como nação, a partir da vinda dos europeus para a América. A partir disso, com o genocídio da população indígena e de um sistema econômico baseado na mão de obra escrava, a presença de valores africanos nas manifestações culturais brasileiras foi favorecida e permanece preservada ao longo das gerações.

Assim, a pessoa negra, traz consigo do passado a condição de escravo, como mero objeto de trabalho, e esse estigma permanece até os tempos atuais. No cotidiano, a discriminação é mantida, mesmo que sutil e muitas das vezes, silenciosa. Segundo Fernandes, o Brasil está longe de ser uma democracia racial, em que brancos, negros e gentes de outras origens pudessem ter as mesmas oportunidades sociais, embora goste de se ver e mostrar como um país sem preconceito e sem discriminação racial (Fernandes, 1965; Hasenbalg & Silva, 1993).

Desde o Brasil Colonial e Brasil Imperial, observa-se as relações entre poder político e a religião católica, sendo esta a religião oficial nestes períodos. O próprio código penal do Brasil império de 1830 punia: “A celebração, propaganda ou culto de confissão religiosa que não fosse a oficial (art.276)” (SILVA, 2007, p.308). Este código punia negros, fossem eles livres ou libertos, fazendo com que a cultura ocidental fosse imposta, inclusive a religião católica, desconstituindo suas referências culturais africanas. Mesmo assim, esses africanos tentavam manter sua religião, preservando algumas regras e condutas trazidas de suas religiões.

Com a presença do negro na formação social do Brasil foi possível o desdobramento de inúmeras instituições, os cultos africanos deram origem a uma variedade de manifestações, que com o sincretismo do contato das religiões africanas, o catolicismo dos brancos e suas relações e posteriormente a religião indígena e mais tarde o espiritismo kardecista¹, deram origem ao que conhecemos hoje como Umbanda.

¹ Que professa ou segue o kardecismo. Relativo a Allan Kardec (1804-1869, escritor francês).

É fato que as religiões de origem negra no Brasil pouco se refizeram, pois sofreram modificações devido à miscigenação das religiões dos Bantos, Iorubás, Fons e outras que cultuavam seus ancestrais. Muitas dessas religiões perderam suas culturas devido ao desenvolvimento das estruturas sociais, dissolvidas pela escravidão.

Os negros nunca puderam ser brasileiros, sem ser católicos, e suas crenças ficaram restritas ao âmbito familiar onde muitas vezes reproduziam simbolicamente a família e os laços familiares através de sua congregação religiosa, dando origem aos terreiros² ou famílias-de-santo. Mas a inserção na sociedade era o catolicismo que prevalecia.

Assim, no ano de 1889 com a proclamação da república no Brasil, onde há a separação formal entre Estado e Igreja católica é que teremos o marco da introdução do princípio de laicidade do Estado.

Foi em 1891, com a constituição, que se aboliu formalmente o conceito de religião oficial e se proporcionou a liberdade de qualquer tipo de crença. Entretanto, muitas das religiões existentes no Brasil, diferentes da religião católica, sofreram perseguições, discriminações e preconceitos nessa época. As religiões chamadas mediúnicas, nas quais: o espiritismo, umbanda, batuque, candomblé entre outras, foram as que mais sofreram perseguições, pois suas práticas não eram reconhecidas pelo Estado como tendo um estatuto da religião, tal como este a concebia (MONTERO, 2006). Esta tal “liberdade religiosa”, não se proporcionou de uma forma tão simples assim, pois os Estados necessitava enquadrar todas as formas de religiosidade, diferentes da matriz cristã, existentes naquela época, numa mesma concepção de religião.

Sendo assim, essas religiões, sendo elas espíritas ou afro-brasileiras, usaram o argumento de que suas práticas eram realizadas sem fins lucrativos, para poderem se enquadrar na noção de “religião”, obedecendo assim aos princípios da caridade.

² Nos cultos afro-brasileiros, é o local onde se realizam os cultos cerimoniais e são feitas oferendas aos orixás. Embora nem sempre de terra batida, o nome permanece como referência aos barracões e quintais onde as celebrações eram realizadas.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa de dados primários se deu na forma de entrevistas, com a intenção de analisar de qual local essas pessoas vinham, qual era o seu propósito de procurar esses centros, sua idade, a que religião pertence, sua profissão e qual os disparates com relação discriminação que sofrem quando frequenta esses centros.

São os seguintes centros de Umbanda em Irati: Centro Tenda de Ogum, Centro Instituição Espírita Caminhos de Luz, Cabana espírita Vó Luzia, Centro Espírita Cabana Espírita Pai João e Geremias, Instituição de Caridade Luz de Aruanda. No total foram 120 pessoas entrevistadas entre homens e mulheres, visitantes e frequentadores, em dias alternados, conforme o horário e dias designados de funcionamento de cada Centro Espírita.

Adicionalmente, foi realizada a pesquisa bibliográfica na busca de dados secundários que possam auxiliar na compreensão da problemática do presente trabalho.

UMBANDA: UMA RELIGIÃO DE BRASILEIROS

Por muito tempo as religiões afro estiveram restritas a grupos negros. Os negros que se incorporaram ao movimento de formação das religiões afro-brasileiras ao longo do tempo foram sempre a minoria. A maior parte dos descendentes dos antigos escravos deixou os velhos deuses para trás, aderindo à sociedade do branco, munida unicamente da religião do branco.

Nesta inserção do negro a sociedade brasileira, a umbanda³ surgiu como uma redefinição de origens e símbolos. A formação desta religião está basicamente apoiada no candomblé de caboclos e de angola onde herdou os orixás como cabeças de falange de espíritos desencarnados de velhos índios e antigos escravos. Com o kardecismo, a umbanda aprendeu a lidar com a concepção do karma⁴, de herança hindu e também aprendeu a concepção de ética da expressão religiosa cristã e com a ideia de progresso, alcançado pela experiência religiosa.

Os princípios da umbanda estão ligados aos interesses pela ética cristã, constituição de um panteão africano e ameríndio, concepção de um mundo mágico, a valorização do outro através da prática da caridade e suas variações como a dança, o toque do atabaque⁵ etc.

A Umbanda é uma religião brasileira, convertida nos anos 50. Agora sim, somos todos iguais, sem distinção de origem ou marca. Somos todos europeus, africanos, indígenas, turcos, ciganos, cristãos e espíritas. Acreditando nos santos católicos e nos orixás, nos sacramentos da igreja e no que dizem os caboclos.

A Umbanda herdou do candomblé quase tudo, mas não é uma religião de negros, mas sim, uma religião dos pobres, das pessoas de classe média

³ A palavra é derivada de “u’mbana”, um termo que significa “curandeiro” na língua banta falada na Angola, o quimbundo. A umbanda tem origem nas senzalas em reuniões onde os escravos vindos da África louvavam os seus deuses através de danças e cânticos e incorporavam espíritos.

⁴ Karma ou carma significa ação, em sânscrito (antiga língua sagrada da Índia) é um termo vindo da religião budista, hinduísta e jainista, adotado posteriormente também pelo espiritismo.

⁵ Tambores altos e estreitos, afunilados de um só couro, usados para atrair as diferentes vibrações, quando tocados. Os atabaques são usados para manter o ambiente sob uma vibração homogênea e fazer com que todos os médiuns permaneçam em atenção mediúnica.

baixa (até mesmo dos de classe média alta – apesar da própria discriminação), de brancos e de negros. Uma religião voltada para a maioria, sem segregação.

O leque de religiões no Brasil segue aumentando. O candomblé, por exemplo, que era considerada uma religião de preservação de patrimônio cultural específico de negros, hoje é uma religião para todos, onde antes dos anos 60 era uma referência cultural conhecida somente na Bahia. A partir desse ano, ele adquire traços culturais brasileiros. Como traço cultural, está acima do bem e do mal. Quando essas religiões, tanto a umbanda como o candomblé e seus segmentos são encaradas pelo outro fora do contexto “cultural”, aí sim, ela é encarada como fonte do mal. Diz o preconceito que tudo que é do negro não presta, ainda mais quando se trata de religião: acusando-os de feiticeiros e macumbeiros nos termos pejorativos das palavras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As pessoas entrevistadas atribuíram sua entrada aos centros para resolverem seus problemas com doenças, amores, questão financeira, problemas esses que eles mesmos afirmam que não conseguem com a Igreja Católica. Muitas dessas pessoas já haviam recorrido a esses centros, embora muitas delas estivessem na primeira visita. Outros frequentavam os centros para desenvolverem sua espiritualidade.

Os Centros espíritas de Umbanda em que foram feitas as pesquisas de amostragem, as pessoas frequentadoras, em sua maioria vêm de Igrejas católicas distribuídas no município de Irati.

Em sua maioria, os frequentadores são mulheres na faixa de 16 a 52 anos de idade. Os homens na faixa dos 17 aos 85 anos de idade.

Quanto às suas profissões, variam entre donas de casa, até cargos de prestígio perante a sociedade como vereadores, prefeito. Existem também, auxiliares administrativo, estudantes, autônomos, empresários, promotor de justiça, empregadas domésticas, floristas, caminhoneiro, cabeleireira e comerciantes entre outros.

Pude perceber com a pesquisa realizada nesses centros, que essas pessoas possuem em sua maioria, o segundo grau completo e muitas possuem o terceiro grau.

Os bairros onde essas pessoas residem, normalmente, ficam próximos ao centro espírita que frequentam.

A UMBANDA EM IRATI⁶

A religião católica sempre foi majoritária e hegemônica no Brasil. Até os anos 60, as religiões afro-brasileiras estavam circunscritas às populações negras como religiões étnicas, perdendo aos poucos este caráter para se constituírem em religiões universais, aberta a todos, desde os mais pobres até segmentos de classes médias altas e urbanas. Abertas a todos, sobretudo aos metropolitanos de todo o tipo e classe.

Outro grande ramo da religião afro-brasileira é a umbanda, nascida no sudeste nos anos 20, resultante do contato entre o espiritismo kardecista e o candomblé. Espalhada rapidamente por todo o país, a umbanda guarda características de suas religiões fundantes, sendo uma religião que mantém em torno de si vasta clientela que a procura para soluções de problemas de saúde, emprego, família, vida afetiva etc., soluções que são buscadas através de oferendas às divindades.

As religiões afro-brasileiras, com seus rituais complexos, não desenvolveram uma orientação para um comportamento baseado na ética, que entre em conformidade com a coletividade. As noções de certo e errado pautam-se nas relações de cada fiel com sua divindade que o protege, procurando sua realização pessoal.

Pode-se caracterizar a função social da Umbanda por suas atividades de sentido assistencial. Estas consistem numa aproximação entre o crente-médium e o crente-consulente, estabelecendo um diálogo aberto e íntimo (...). Quanto ao relacionamento entre as pessoas, a Umbanda age como terapia em que uma simpática mágica orienta os contatos (LIMA, 1997, p.67).

A formação da umbanda nos anos 20, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo, foi ganhando prestígio na sociedade brasileira, pois seus traços assimilavam ao espiritismo de mesa branca, já que na época o kardecismo ganhava muitos simpatizantes de origem católica.

⁶ O universo desta pesquisa é constituído somente em centros espíritas de umbanda, na região urbana de Irati. Estou considerando somente os grupos de umbanda na cidade Irati, pois não há práticas de outro tipo de religião africana nesta cidade.

É desse conjunto heterogêneo – ao mesmo tempo sinal e uma das respostas às dificuldades de negros, mulatos, imigrantes e brancos pobres em seu processo de construção de novas redes sociais numa sociedade em rápida transformação – que surgirá a Umbanda, na década de 20, no Rio de Janeiro. Elementos de classe média (profissionais liberais, militares, funcionários públicos) egressos do espiritismo kardecista, volta-se para esses cultos, apropriando-se de seus ritos, impondo-lhes uma nova estrutura e juntando-os no interior de um novo discurso. Dão início, enfim, a seu processo de institucionalização (MAGNANI, 1991, p.23).

A Umbanda passou a ser vista como uma religião de prestígio. Parece que ela sempre ficou a meio caminho entre suas matrizes negras e kardecistas, assumindo uma posição dúbia, não assumindo por assim dizer uma posição ética, deixando-a “entre a cruz e a encruzilhada”, utilizando a mesma expressão de Lísias Negrão (NEGRÃO, 1933).

Na cidade de Irati-PR, durante as sessões espíritas de Umbanda frequentada ou também podem ser chamadas de gira⁷, a ajuda à sociedade parte de uma maneira mais ritualística, a ajuda é recebida ainda dentro do centro, sob a forma de uma conversa, para acalantar aquelas pessoas que ali estão, até mesmo de uma forma de curandeirismo, ou sob formas de rituais a serem feitos em casa.

Todo centro espírita comporta um determinado número e tipos de sessões. Alguns obedecem a modelos e normas sugeridas por sua Federação, mas mesmo existindo normas comuns, um centro não oferece necessariamente em todas suas sessões um repertório espírita, como é o caso dos centros espíritas kardecistas. A maneira como se organizam podem diferenciar de acordo com cada centro em Irati.

⁷ Cerimônia rotineira semanal, de cultos as entidades umbandistas. Existe a de desenvolvimento que seria para iniciação progressiva dos médiuns para aprenderem a controlar o próprio transe; e a de trabalho de caridade, um culto público onde as identidades se incorporam nos médiuns para atenderem os consulentes (mesmo que sessão, trabalho).

O PRECONCEITO⁸ E A DISCRIMINAÇÃO

É importante entendermos o processo de construção do preconceito étnico-racial e sua expressão comportamental: a discriminação. O preconceito é um julgamento de valor, construído e destituído de base objetiva pertencendo à classe de mitos desenvolvidos por meio da socialização. Sabe-se da discriminação, mas não se fala dela. Quando a pergunta foi feita para consulentes⁹ nos centros espíritas de Irati sobre o preconceito e discriminação, muitos diziam conhecer sobre o assunto, mas ninguém admite. Quando a pergunta é feita para pessoas que participam da corrente¹⁰, muitos afirmam que conhecem e já sofreram algum tipo de discriminação. Em uma das entrevistas realizadas em um desses centros, o senhor que aqui prefiro chamar de João, relata: "... os indivíduos na cidade de Irati, em sua grande maioria brancos, descendentes principalmente de poloneses e ucranianos, que se consideram católicos, veem a umbanda como algo do mal, de pessoas possuídas que só fazem algo para o mal, sempre associadas às questões demoníacas, o que não é verdade...".

Nesse sentido, Roque de Barros Laraia esclarece que, para percebermos o significado profundo de um símbolo, torna-se necessário conhecermos a cultura que o criou. O fato de o homem ser o resultado do seu ambiente de socialização, dos conceitos e pré-conceitos que ele mal ou bem assimila e toma como verdadeiros, leva-o a adoção de posturas que tendem a depreciar aqueles que fogem dos padrões que foram construídos e percebidos como positivos pelo seu meio. Esta postura acarreta sentimentos de desprezo por todos aqueles que não comungam das mesmas ideias, por outro lado, alimenta a convicção de que alguns são responsáveis pela "purificação" racial, social e religiosa das sociedades. A crença em um povo eleito, superior aos demais por predestinação de seres sobrenaturais alimenta "o germe da intolerância e do racismo, frequentemente utilizados para justificar a violência praticada contra os outros" (LARAIA, 2000).

⁸ Os casos de intolerância religiosa expostos neste trabalho foram ocasionados pelo preconceito religioso.

⁹ São pessoas que frequentam os centros espíritas pedindo ajuda.

¹⁰ São os participantes da gira que dará assistência aos consulentes.

Deste modo percebemos, que as pessoas elas julgam sem conhecer a cultura do outro. Elas tomam como verdade o catolicismo e nenhuma outra religião tem este reconhecimento.

Quando perguntado a um Pai de Santo sobre a Igreja católica e a umbanda, ele diz o seguinte: “Algumas pessoas ligam no meu telefone porque querem atendimento individualizado fora do horário de atendimento, porque não querem ser vistas em meu terreiro, se consideram muito católicas e a sociedade pode desaproveitar. Não faço atendimento individualizado e não dou preferências a ninguém, se quiserem ser atendidos, terão de vir no horário da corrente...”.

Algumas pessoas, muitas de poder aquisitivo alto no município de Irati, procuram os centros espíritas para atendimento fora do horário porque têm vergonha, a sociedade não aceita, uma vez que estes centros são considerados demoníacos, essas pessoas não querem ser vistas nestes locais.

O que acontece muito na cidade de Irati, e acredito que em toda parte, são as ofensas do tipo: “macumbeiro”, “feiticeiro”, “Lúcifer”, “bruxo” entre outras, tanto nas ruas quanto em redes sociais, e elas são usadas no termo pejorativo da palavra. Quanto a isso, Laraia nos diz que nossa a nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade. Por isso discriminamos o comportamento desviante (LARAIA, 2000, p.70).

Já em outro centro espírita, a Sra. “Maria” comenta que já sofreu muita discriminação: “Há muito tempo mantenho essa instituição, ajudo muitas pessoas como posso, uma vez fui ajudar a filha de minha vizinha e ela nem me deixou entrar me chamando de seguidora do demônio, como se eu tivesse uma doença contagiosa, achei um absurdo.”

Muitos adeptos do umbandismo são tratados como seres de outro mundo, algumas xingam, dizem palavras de baixo calão, outras nem se aproximam por medo do que não conhecem. Acham que os frequentadores da umbanda têm algum poder sobrenatural de jogar um feitiço ou maldição.

A umbanda é a religião dos caboclos, boiadeiros, pretos velhos, ciganas, exus, pombagiras, marinheiros, crianças. Perdidos e abandonados na vida, marginais do além, mas todos eles com uma mesma tarefa religiosa e mágica que lhes foi dada pela religião de uma sociedade fundada na máxima heterogeneidade social: trabalhar pela felicidade do homem sofredor. (...) É para praticar a caridade que as entidades da umbanda vêm nas sessões do culto; para isso são chamadas durante a metamorfose ritual em que o sacerdote iniciado abandona seus papéis de mortal para dar lugar à personalidade dos encantados e dos espíritos. Vêm para ‘trabalhar’, como se diz, trazendo para as aflições de toda ordem explicações e soluções – quantas vezes imploradas em desespero” (PRANDI, 1991, p. 56).

A Umbanda não tem a intenção de persuadir ninguém a mudar de religião. Essa imagem preconceituosa ainda continua, além disso, o preconceito que seus adeptos sentem ao se identificarem como umbandistas faz com que, na maioria das vezes, prefiram omitir sua religião ao invés de tentar explicá-la e de mudar a imagem criada sobre ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem muitas polêmicas em torno das religiões de matriz africana no Brasil, conseqüentemente, esses frequentadores dos centros espíritas percebem diferenças quanto à sua aceitação na sociedade. Assim, a dinâmica entre essas pessoas e a sociedade é marcada pelo preconceito e discriminação.

Considerando os casos de intolerância religiosa que acompanhei durante a pesquisa de campo, por meio de entrevistas, a maioria dessas pessoas passou por constrangimentos e percebi que a intolerância religiosa se manifesta de diversas formas em diferentes esferas sociais.

Assim, pode-se compreender que as religiões não se configuram de forma única, assim como na sociedade há diversos grupos com suas especificidades culturais, na religiosidade ocorre o mesmo processo.

Sendo assim, o motivo pelo qual o meu estudo teve foco na intolerância religiosa foi elucidar os conflitos no campo religioso perante a sociedade. Através dessas análises percebi como as religiões afro-brasileiras ainda lutam para uma sociedade sem preconceito e discriminação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amaral, Rita de Cássia & Silva, Vagner Gonçalves da (1993). **A cor do axé: brancos e negros no candomblé de São Paulo**. Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, nº 25, Dezembro.

Camargo, Cândido Procópio Ferreira de (1961). **Kardecismo e Umbanda**. São Paulo: Pioneira.

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. Tradutor: Fernando Tomaz. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Fernandes, Florestan (1965). **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Do-minus e Edusp.

Ferretti, Mundicarmo (1994). **Terra de caboclo**. São Luís: Plano Editorial/SECMA.

LARAIA, Roque de Barros (2000). **Cultura: Um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Umbanda**. 2ª Ed São Paulo: Editora Ática, 1991.

MONTERO, P. (2006). **Religião, Pluralismo e Espaço Público no Brasil**. Revista Novos Estudos, São Paulo, CEBRAP.

Negrão, Lísias Nogueira (1964). **Umbanda: Entre a cruz e a encruzilhada**. Tempo social — revista de sociologia da USP. São Paulo, vol. 5, nº 1 e 2.

PRANDI, Reginaldo (1991). **Os Candomblés de São Paulo: A velha magia na metrópole nova**. São Paulo, HUCITEC/EDUSP.

Schwarcz, Lília Moritz (1993). **O Espetáculo das Raças**. São Paulo: Companhia das Letras.

SILVA Jr, H. **Notas sobre Sistema Jurídico e Intolerância Religiosa no Brasil**. IN: SILVA, V.G. (org). *Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo Religioso Afro-Brasileiro*. São Paulo: EDUSP, 2007.